



PORTO
PAGO

«SE SER REACCIONÁRIO
É SER PORTUGUÊS, ENTÃO
PACIÊNCIA; QUE O SEJA-
MOS».

(RAMALHO EANES, no
recente Dia de Camões,
na Guarda)

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXI (Preço avulso: 5\$00)	7-7-1977 N.º 630	Composição e Impressão «GRÁFICA EDITORA» Av. João Ferreira da Maia, 20 Telef. 92091 RIO MAIOR	DIRECTOR E PROPRIETÁRIO José Maria da Piedade Barros	Redacção e Administração GRÁFICA LOULETANA Rua da Carreira Telef. 6 25 36 LOULÉ
----------------------------------	---------------------	---	---	---

POLÍTICA DE HOJE VIRADA PARA A SALVAÇÃO NACIONAL

Tal como a sociologia moderna que postula a produtividade e a eficácia prevalecentes sobre o panorama ideológico, explicitado confessionalmente, a política nacional emergente parece querer orientar-se (dentro destes parâmetros), precisamente, para uma dinâmica socializante, centrada na produção e eficiência regeneradoras (...), antagónicas, sim, a três anos de dissipação demagógica estigmatizada por uma luta sem peias pelo poder. O resultado está à vista. O país saiu deste período provatório, confuso, atónico e extremamente debilitado e, o que não é menos importante e grave, profundamente dividido pelas rivalidades das facções em confronto. Por outro lado a doutrinação política-demagógica, muito baseada nos catecismos do século XIX e por isso

insuflada de teorização não adequadas às realidades decorrentes, encontraram de início, na impreparação sociológica do povo, campo aberto, à formação precipitada e improvisada de inconsistentes (e por vezes inconsistentes) proleptismos fáceis de manipular. Contudo, a breve trecho, quem não deixou de extrapolar os resultados de um tempestuoso processo de transição democrática, culminado finalmente com a eleição de um estado de direito, apercebeu-se que só por si, as polémicas, os debates, e os discursos bem como as manifestações de rua ou outras similares, nem como

(continua na pág. 7)

MANIA ANTIFASCISTA

Entre os oradores que antecederam o presidente Ramalho Eanes na sessão solene realizada no Liceu da Guarda, em 10 do corrente, o prof. Jorge de Sena afirmou: «Há quem diga e quem pense que celebrações como esta — de Camões ou das Comunidades — são uma compensação para a perda ou derrocada dum império oferecido ao sentimento popular, e que isso das Comunidades é mesmo ainda pior: uma ideia do fascismo. Antes de mais, neste País há que pôr um basta, não só ao fascismo ele mesmo, mas à mania de atribuir tudo ao fascismo, até às ideias». Pois o senhor Bispo do Porto ainda recentemente teve o desassombro de negar ter havido fascismo em Portugal, mas sim autoritarismo. O fascismo foi próprio da Itália de Mussolini, como o nazismo da Alemanha hitleriana, o franquismo da Espanha e o Salazarismo de Portugal.

A ESCOLA e a promoção social

Mais um ano escolar quase findo e olha-se para o caminho percorrido. Mas que caminho? Todas as iniciativas que ao longo do ano se foram concretizando ou que não se concretizaram constituem todo esse caminho. Situamo-nos na Serra do Caldeirão, mais precisamente, no lugar de Corte de Ouro, Ameixial. Em que meio se realizou esse trabalho? Num meio pobre de quase tudo. Pobre de recursos económicos. Pobre de todas

as condições de vida de que dispõem os centros urbanos. Pobre de poios. Mas é ainda rico de algumas qualidades das suas gentes que a onda de progresso materializante dos nossos dias não contagiou. Vamos ao interior da escola. Para quem não tem ideia do ensino moderno, a escola apresenta-se, como uma sala, toda ela, simplesmente decorada. Mas depois da adequada ex-

(continua na pág. 3)

Monturos na vila a pedir a intervenção da brigada de limpeza camarária

Muito se tem falado em poluição, como uma das ameaças ao equilíbrio ecológico. Mormente das vezes, essas referências incidem nos grandes fautores que são as elevadas concentrações industriais. Infelizmente, não são os detritos e os fumos das fábricas que contribuem para a deterioração da Natureza e para o agravamento da saúde pública. Há de facto circunstâncias anómalas que localmente podem tam-

bem concorrer para a viciação da atmosfera e, proventura, para a criação de focos pestilentos de transmissão de doenças. Ainda há bem pouco tempo Lisboa foi, palco da greve dos cantoneiros de limpeza, que transformou a capital num enorme montureira e alarmou a classe médica para o perigo iminente de uma epidemia de incalculáveis consequências para compacta população daquele enorme núcleo urbano. Independentemente, de casos patentes mais clamorosos que ga-

(continua na pág. 4)

Novo Juiz de Direito DR. MÁRIO MEIRA TORRES VEIGA

Por nomeação publicada no «Diário da República», n.º 136, de 15-6-77, foi o Dr. Mário Meira Torres Veiga, encarregado de exercer as funções de Juiz de Direito das comarcas de Loulé e Albufeira. O referido magistrado está desde 22 do mês passado colocado nesta Comarca, em substituição do Juiz de Direito dr. Jorge Mourão Mendes Leão, que foi nomeado para a Comarca de Almada. Ao novo juiz desta Comarca desejamos acção profícua no desempenho das suas espinhosas atribuições.

ESCLARECIMENTO DAS ORGANIZAÇÕES HOTELEIRAS FERNANDO BARATA

Para publicação, recebemos um esclarecimento das Organizações Fernando Barata atinente ao desentendimento surgido com o Sindicato da Hotelaria de Faro. Sabemos, entretanto, que esta empresa tem adoptado um procedimento exemplar para com os seus empregados e colaboradores, o que não faz sentido nem dá azo à atitude assumida agora por aquele organismo sindical. É este o teor do referido esclarecimento: 1. A Direcção do Sindicato da Hotelaria de Faro fez distribuir em 21 do corrente um comunicado a acusar-nos do que chamam um «despedi-

mento colectivo», realizado através de «acções inconstitucionais», «violação desenfreada das leis laborais», «foros de prepotência e sem motivo aparente», pelos vistos com o objectivo de «espalhar o descontentamento em» (continua na pág. 2)

A INTER ALINHA PELA URSS

O antigo ministro do Trabalho, Marcelo Curto, que chefiou a delegação portuguesa à Conferência da Organização Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra, acusou os delegados da Intersindical de terem tomado, continuamente, posições alinhadas com as da União Soviética e dos países do Leste, muitas vezes contra os interesses de Portugal. Esta atitude da Inter não surpreende ninguém, pois toda a gente sabe que obedece cegamente ao PCP, e este a Moscovo. Assim se prova mais uma vez e muito claramente, que a célebre INTER está ao serviço de Moscovo e não ao serviço dos trabalhadores portugueses...

Turismo português em maré de desprestígio

● CAUDAL TURÍSTICO SUECO EM VIAS DE CANCELAMENTO

A Torralta, que chegou a atingir um índice reputativo bem notório, está agora a enfrentar as consequências de uns anos de estagnação turística e de deficiente gestão de uma Comissão Administrativa que se mostra impotente para responder aos próprios compromissos assumidos. Vem isto a propósito do iminente cancelamento por parte da RESO (Agência de Viagens Internacionais que serve os sindicatos suecos) de contratos maciços de turistas suecos para a actual época balnear. Como é que esta situação atingiu tal melindre, que compromete as fundamentadas esperanças depositadas no turismo português, uma das alavancas de recuperação económica? Atribui-se à Comissão Administrativa, pois a Torralta é uma empresa intervencionada, o facto de fantasiar um plano de ocupação hoteleira para o qual a organização não estava de antemão preparada. Mais uma vez se evidenciou que isto de improvisar por vezes não dá certo e até deu bota, como se pode constatar.

Contava a Comissão Administrativa da Torralta com a conclusão das várias torres de apartamentos no Alvor, obras estas entregues à Empreiteira (continua na pág. 5)

ANO CEREALÍFERO: «A pior colheita dos últimos 50 anos»

Espalhados por vários pontos do país abriram recentemente os silos e os celeiros do Instituto dos Cereais para a recolha de cereais da presente campanha. Abordado pela agência noticiosa oficial um informador daquele organismo comentou prever «a pior colheita dos últimos 50 anos», a qual corresponde a uma recolha da ordem das 180 mil toneladas, 80 por cento das quais procedentes do Alentejo. A mesma fonte realçou que a notória quebra prevista para a campanha em curso é resultante de diversos factores, sobretudo das más condições

climáticas que afectaram as sementeiras e do atraso no aproveitamento total do tempo favorável para a sua efectivação. A última estimativa do Instituto Nacional de Estatística calcula que a colheita do trigo deste ano sofra uma quebra de 54 por cento por hectare, relativamente à campanha do ano passado, e de 56 por cento por hectare, quanto à média do último decénio. Essas quebras são respectivamente, de 24 e 26 por cento para o centeio, de 54 e 51 por cento para a aveia e de 55 e 64 para a cevada.

Novos preços do figo

Segundo uma nota oficiosa dimanada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária, foi fixado em 80\$00 por arroba o preço do figo na campanha de 1977/78 destinado à transformação daquele produto agrícola em álcool. «A revisão do preço deste produto, pelo que esclarece a referida nota, só agora possível em virtude do ajustamento apurado no preço do álcool, não deverá ser encarada como um estímulo ao incremento da produção do figo, mas antes como uma medida de sustentação e apoio ao esforço de reconversão agrícola por parte dos agricultores em estreita ligação com os serviços oficiais».

«Não façam dos desertores heróis e dos combatentes assassinos»

Em Mafra, durante a cerimónia de juramento de bandeira do novo curso de sargentos, o comandante da Escola Prática de Infantaria, coronel Aurélio Trindade, proferiu uma vibrante e desassombrada alocução alusiva aos três últimos anos da vida nacional. A terminado trecho o coronel Aurélio Trindade exprimiu-se nos seguintes termos: Ao longo dos últimos três anos

e, porque isso servia os interesses de certas forças políticas, tentaram convencer-nos de que a guerra em África era injusta e de que nós éramos responsáveis por essa guerra. Não discuto a injustiça da guerra de África, mas o que se não pode permitir é que pela existência se responsabilizem os militares, e que se façam dos desertores heróis e dos combatentes assassinos».

QUEM ESTEVE POR DETRÁS
DA CONFERÊNCIA MUNDIAL
CONTRA O «APARTHEID»?
(Página 4)

ESCLARECIMENTO JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

DAS ORGANIZAÇÕES HOTELEIRAS FERNANDO BARATA

(continuação da pág. 1)

tre as classes laboriosas e emburrá-las para o seio da agressiva Convergência Democrática».

2. O Sindicato sabe muito bem, entretanto, que somos apenas comerciantes e industriais, nada tendo nem querendo ter a ver com política; que temos dado inequívocas e públicas provas de abertura ao diálogo com ele próprio, inclusive em termos pioneiros no que respeita a esforços conjuntos em prol da necessária reestruturação do sector; que pagamos o novo CCT, que tantos dos nossos Colegas hoteleiros impugnaram; que asseguramos aos empregados dos nossos Restaurantes uma determinada percentagem adicional nestes meses de Verão; e que o clima geral de relações humanas nas nossas empresas se caracteriza pela normalidade e pela cordialidade.

3. O Sindicato sabe igualmente muito bem que os funcionários em causa, do nosso Restaurante «Alfredo», se encontram não despedidos mas suspensos e incursos, de acordo com a lei, em processo disciplinar, que segue os seus termos.

4. O Sindicato sabe ainda muito bem dos motivos, que por completo silêncio. A afluência excepcional de visitantes no período dos últimos feriados levou à necessidade imperiosa de, em estrita legalidade, transferir a folga do domingo, dia 12, para a seguinte 3.ª feira, dia 14. A própria Comissão Regional de Turismo, conforme instruções superiores, havia pedido às empresas a adopção de medidas do género, conducentes a uma adequada capacidade de resposta face à afluência referida. Porém, apesar de ser seguramente também do seu interesse a obtenção de receitas que tornem mais viável esta indústria que trabalha quatro meses e tem de pagar quatorze, quatro dos sete trabalhadores do Restaurante resolveram concertadamente faltar, de nada valendo nem uma minha ordem de serviço nem as conversações durante horas com eles mantidos pelo encarregado da casa e pelo supervisor dela e de outras.

5. Parece que ontem, 23, em Plenário de delegados sindicais e comi-

sões de trabalhadores realizado em Faro, terá sido decidido conduzir na próxima semana reuniões de trabalhadores em Albufeira de forma a tentar uma paralização destas Organizações.

Quer dizer que os Directores do Sindicato, uns por acomodação outros muito de propósito, se prepararam para tentar prejudicar seriamente a imagem turística desta Vila — chave do Algarve, repleta já de visitantes das mais diversas nacionalidades, e, em consequência, a recuperação em curso nesta indústria vital.

Seria uma boa achega para a solução do «overbookings» com que o Algarve se debate — mas não seguramente do tipo que a Secretaria de Estado deseja; nem, talvez, do género que o Governo admita...

De qualquer forma, ao dispôr-se a tal, o Sindicato de Faro, de todo indiferente à preocupante realidade económica nacional, junta a um texto a vários títulos demagógico, mentiroso e difamatório — a pedir adequado tratamento por via judicial — uma atitude gravemente lesiva dos interesses deste País. Caber-lhe-á, inteira, a concomitante responsabilidade.

Este patrão «reaccionário» — que é dono de Hotéis mas já foi rececionista — gere, em Albufeira, 1800 camas. Não será sua a culpa se elas subitamente se esvaziarem.

5. Estamos convictos de que a larga maioria dos nossos cerca de 300 trabalhadores não se deixará envolver nem enredar na manobra que se desenha. Não se espere entretanto, que paguemos o que quer que seja aos que, por isto ou por aquilo, caíam nela. É só ao Sindicato que deverão para o efeito dirigir-se.

GRUPO DOS AMIGOS DE LOULÉ

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 90 a 92, do livro n.º C-94, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída uma associação de fim ideal, denominada «Grupo dos Amigos de Loulé», com sede nesta vila de Loulé, que durará por tempo indeterminado e que tem por fim a promoção do folclore regional e, bem assim, a promoção cultural, desportiva e recreativa dos seus associados, sendo as condições essenciais para a admissão, exoneração e exclusão dos mesmos, bem como o quantitativo da jóia inicial da quota mensal, a definir pelo Regulamento Geral Interno, cuja aprovação e alteração são da competência da Assembleia Geral.

Está conforme. Secretaria Notarial de Loulé, 23 de Junho de 1977.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

NOTÁRIO: LICENCIADO NUNO ANTÓNIO DA ROSA PEREIRA DA SILVA

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B - 94, de fls. 87 a 89, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual José Manuel Assis e mulher, Maria de Deus da Encarnação Abrantes, residentes no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio:

Urbano, constituído por uma morada de casas térreas com vários compartimentos para habitação e uma dependência, com a área coberta de oitenta metros quadrados, e quintal com a superfície de duzentos metros quadrados, no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do norte com Sebastião dos Santos, do nascente com José Francisco da Encarnação Pardo, do sul com a Rua e do poente com Orlando Lopes Guerreiro, omissos na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrito na respectiva matriz predial, em nome dele Justificante varão sob o artigo número mil quinhentos e sessenta e três, com o valor matricial de trinta e um mil seiscentos e oitenta escudos, e o declarado de quarenta mil escudos;

Que este prédio lhes pertence, pelo facto de o haverem construído inteiramente à sua custa, num talhão de terreno para construção urbana, com a área de duzentos e oitenta metros quadrados, que havia sido comprado pelo ora justificante varão, a José de Brito Pardo e mulher, Maria Guerreiro, casados segundo o regime da comunhão geral de bens, residentes no aludido sítio dos Cavacos, através da escritura de quatro de Outubro de mil novecentos e sessenta e seis, lavrada a folhas setenta e oito, do livro número vinte e cinco-B, de notas para escrituras diversas, deste Cartório, rectificada nesta data, pela lavrada a folhas oitenta e cinco, do presente livro de notas;

Que atendendo ao disposto no artigo treze, número um,

PRECISA-SE

Rapariga de 18 a 30 anos, para trabalhar num Restaurante em Paris, durante 1 ano.

Casa familiar portuguesa.

Dirigir à Boutique Gameiro - Telef. 65275 — QUARTEIRA.

do Código do Registo Predial, não são as referidas escrituras, título suficiente para registo; a verdade, porém, é que,

os transmitentes, os aludidos José de Brito Pardo e mulher, eram na data da referida escritura de quatro de Outubro de mil novecentos e sessenta e seis, por eles justificados possuidores, também com exclusão de outrém, do talhão de terreno para construção urbana, supra descrito, que efectivamente alienaram, pelo facto de o mesmo lhes ter sido adjudicado e ficado a pertencer, em pagamento da quota hereditária do varão, na partilha dos bens da herança aberta por óbito de seu pai e sogro, Ernesto Pardo — que residia no aludido sítio dos Cavacos e faleceu no estado de casado segundo o regime da comunhão geral de bens com Inácia de Jesus — efectuada entre todos os seus herdeiros e interessados, em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e cinquenta e um, por mero contrato

verbal, nunca reduzido a escritura pública; sendo também certo,

Que desde a referida data até hoje, sempre o terreno tem vindo a ser possuído inicialmente pelos transmitentes José de Brito Pardo e mulher, e posteriormente à citada escritura de quatro de Outubro de mil novecentos e sessenta e seis, por eles justificados, bem como o prédio urbano que no mesmo construíram, sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida em nome próprio, pública, pacífica e continuamente.

Que em face do exposto não têm eles justificantes possibilidade de comprovar a aquisição do aludido terreno para construção urbana, por parte dos transmitentes, José de Brito Pardo e mulher, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme. Secretaria Notarial de Loulé, 20 de Junho de 1977.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

MARTINS, DOMINGOS & FARRAJOTAS, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ 1.º Cartório

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 21 do mês corrente, lavrada de fls. 84 v.º a 86, do livro n.º C-94, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre José Inácio Martins, Jovito Guerreiro Domingos, Horácio Leal Farrajota e Manuel Leal Farrajota, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «Martins, Domingos & Farrajotas, Limitada», tem a sua sede na Rua de Faro, número trinta e sete, rés do chão, desta via e freguesia de São Clemente, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

Segundo — O seu objecto consiste na exploração da indústria agro-pecuária, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de negócio, em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é do montante de um milhão de escudos, e está dividido em quatro quotas iguais de duzentos e cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

Quarto — 1. A gerência da sociedade, dispensada de

caução, será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. Qualquer dos sócios gerentes poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração, em quem entender.

3. Para obrigar validamente a sociedade são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou seus procuradores, podendo, no entanto, os actos de mero expediente ser assinados por qualquer gerente ou seu procurador.

4. Fica vedado aos gerentes ou seus procuradores obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Quinto — A cessão de quotas entre os sócios é livre; a estranhos fica dependente de prévio consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios em segundo.

Sexto — Quando a lei não exigir outras formalidades a convocação das Assembleias Gerais, far-se-á por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com pelo menos oito dias de antecedência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 25 de Junho de 1977.

O 2.º Ajudante, Fernanda Fontes Santana

LOULÉ



AGRADECIMENTO

JOSÉ DE SOUSA PIRES

Sua família vem por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam da sua grande dor, e se dignaram acompanhar à última morada o seu saudoso e chorado extinto, não o fazendo pessoalmente, como era de seu desejo por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas.

A Escola e a promoção social

(continuação da pág. 1)
plicação de cada painel, desenho, etc., cada quadro ou imagem expostos na parede tem a sua função pedagógica enquadrada no ensino. Diverso material didáctico complementa a aprendizagem dos alunos relacionando o ensino com a vida individual, social e familiar. Deste material constata-se que algum é de bastante e apreciável valor didáctico. A disposição das cartelas também constitui curioso tema de observação. Diz-se que se trata de adequar o melhor possível o ensino moderno e individualizado. Para quem fez a sua escolaridade há uns anos passados e em que era exigido ao aluno um certo esforço, por vezes duro, na aprendizagem, surge uma natural pergunta. Perante tanta facilidade no ensino em que se tenta evitar um razoável esforço ao aluno ficará ele relançado para se esforçar profissionalmente, em competência, perante a sociedade, se disso depender?

O aspecto exterior também apresenta pormenores para curiosas interrogações. Um campo de andebol foi preparado mas que ainda não chegou a ser utilizado, ao que parece, por carência de apoio no campo da educação desportiva. Foram feitas, no quintal da escola, pequenas culturas de sequeiro e a modos de experiência. Mas o que ressalta mais à vista é uma pequena estufa com uma plantação de tomates além de outras variedades. Põe-se logo uma questão: — para quê uma estufa e o que tem uma escola primária a ver com a agricultura moderna? A justificação dada foi um esclarecimento muito natural e resumido em dois pontos. Primeiro, um professor que trabalhe no meio rural deve pôr todos os seus conhecimentos e iniciativas não só ao serviço dos seus alunos, mas também, em proveito da população do campo, esse mesmo campo que, com a sua produção, ajudou, em parte, a formação do professor. E em segundo lugar uma estufa numa localidade em que não se pratique esse género de cultura, representa um exemplo susceptível de despertar as pessoas dotadas

de iniciativas para processos de cultivo mais satisfatórios.

Volvendo ainda o olhar para as actividades escolares, dois acontecimentos merecem especial destaque. No intuito de projectar as crianças para horizontes além do seu meio, foram programadas uma festa de despedida pelo Natal e uma excursão de estudo. A festa de Natal seria, em princípio, na escola local e, sem grandes aparatos, destinada a um dia de confraternização entre todos os alunos da freguesia e suas professoras. Vários factores relacionados com as condições do meio fizeram que tal festa se realizasse só parcialmente marcando, então, a participação da população local. A excursão já referida foi efectuada ao Sotavento Algarvio com as crianças da freguesia, com as suas professoras, com os seus pais ou pessoas encarregadas e teve como objectivos a apreciação de lugares, contrastes, etc., relacionados com factores de ordem geográfica, económica, social, pedagógica e outros.

Algo mais parece ter sido feito. São actividades extra-escolares. Neste campo realizaram-se duas excursões turísticas. Uma, chegando à Serra da Estrela, com a duração de quatro dias passou por várias terras tendo visitado lugares de interesse turístico. Outra, com a duração de três dias, chegou até Coimbra. Estas excursões destinaram-se a mostrar às populações locais as riquezas do nosso património em vários domínios como histórico, cultural e outros.

Por se julgar também de interesse para as pessoas do meio foi promovida a vinda de um grupo de teatro amador que realizou uma sessão no Ameixial.

Foi ainda acrescentado que, por fazer parte da formação integral do homem, a sua educação moral, tem sido realizado ao longo de todo o ano, um apreciável trabalho de catequese religiosa para uma primeira comunhão no Ameixial.

A pergunta se todo este trabalho foi realizado por uma só pessoa, neste caso a senhora professora, foi dito

que houve a participação e colaboração de todos. Das colegas. Dos organismos locais como a Junta de Freguesia e Casa do Povo e, também, de organismos não locais. De pessoas residentes na área, quer próximas quer, às vezes, distantes. Dos mais jovens aos mais idosos. De todos os que colaboraram dispuseram dos meios ao seu dispor e alcance.

E, finalmente, ficou bem expresso que, embora este trabalho não tivesse sido para proveito próprio, para todos ficara um grande e sincero agradecimento pelo trabalho realizado em benefício da comunidade, ainda que pouco para as carências do meio.

É pena, no entanto, que um trabalho como o que foi iniciado corra o risco da falta de continuidade.

R.

NOTA DA REDACÇÃO — É com grande apazimento que arquivamos nas nossas colunas a síntese de uma actividade tão tocante que é a da formação e educação dos homens de amanhã, num meio rural ainda não sofisticado pela onda padronizada do progresso.

No final, avulta uma pontinha de melancolia, como a querer reter o caminho percorrido e a lançar no futuro a plataforma da esperança, que não apaga a dívida (e o receio) da «falta de continuidade» num «trabalho como o que foi iniciado». Do texto supracitado desprende-se na verdade o encantamento dir-se-ia poético que o primado pedagógico exerce sobre quem o viveu e compreendeu.

IV Encontro Nacional de Cooperativas de Habitação Económica

Como é do conhecimento público a Constituição Portuguesa consagra o direito à Habitação no seu artigo 65.º, no entanto cada vez se torna mais difícil ao Povo em geral obter esse direito, pelo que por todo o País se têm desenvolvido várias lutas no sentido de se conseguir uma Habitação digna para cada Português.

Uma dessas lutas, e por certo a de maior envergadura está a ser travada pelas cento e cinquenta (150) Cooperativas de Habitação Económica existentes no país, pois representam vários milhares de associados, com especial incidência nas classes mais desfavorecidas.

O Movimento Cooperativista, através do Secretariado das Cooperativas de Habitação do Distrito de Santarém, promotor do IV Encontro Nacional, alerta a opinião pública para a realização deste encontro nos próximos dias 2 e 3 de Julho no Entroncamento, no qual estarão representadas as 150 Cooperativas do país que irão debater os diversos problemas que as afligem que são entre outras: Legislação, Terrenos, Financiamentos, e Organização.

Marcenaria Pintassilgo PLATEX

Contra-placado, aparite com folha, Plutex e aparite, vendem-se em folhas inteiras ou bocados. Folha fina, etc., etc.

Rua Quinta de Betunes (próximo da mina do sal) — LOULÉ.

PROPRIEDADE - Vende-se

Em Sesmarias (Lagoa) 500 m² urbanizado. 200 contos.

Resposta a F. Mesquita — R. Cons. José Silvestre Ribeiro, 10-2.º, D — Lisboa-4.

Um plano de emergência de cuidados de saúde procurará responder no Algarve à sobrecarga que os serviços hospitalares sofrem na época estival

Um plano regional de emergência vai ser posto em acção em todo o Algarve durante a época estival.

Como é do conhecimento geral, as estruturas dos serviços de Saúde naquela zona do País, já de si deficientes, são seriamente sobrecarregadas pelo forte afluxo turístico que se verifica nos meses de verão, sendo comum que duplique a população Algarvia entre os meses de Julho a Setembro.

Tal circunstância tem criado situações delicadas a que se pretende dar resposta com este Plano de Emergência.

Através dele procurar-se-á deslocar para o Algarve médicos, enfermeiros e técnicos de Raios X e Laboratório para reforço das equipas de Serviço dos Hospitais de Faro, Portimão, Albufeira, Lagos, Loulé e Vila Real de Santo António ao mesmo tempo que se tentará aumentar a capacidade dos hospitais distritais de Faro e Portimão através das transferências de doentes convalescentes e crónicos para os hospitais concelhios da respectiva área dos doentes.

Paralelamente vai ser assegurado o compromisso dos hospitais centrais na recepção dos doentes que tenham que ser evacuados do Algarve quer pela gravidade do seu estado quer por eventual falta de camas nos hospitais Algarvios.

Ao Serviço Nacional de Ambulâncias competirá promover a evacuação terrestre e aérea bem como, através da sua rede de emergência, transportar acidentados e doentes para o hospital mais próximo que tenha em funcionamento Serviços de urgência com médico permanente.

Para ultimar todos os aspectos do Plano de Emergência de cuidados de Saúde Algarve-77 reuniram-se na passada semana em Faro, sob a presidência do respectivo Governador Civil, o Inspector Superior de Medicina, o Presidente da Comissão de Gestão do Serviço Nacional de Ambulâncias, os membros da ADSS de Faro, representantes de todos os Hospitais da Província, o Comandante Distrital da PSP, Delegados das Federações de Bombeiros e representantes dos Serviços de Previdência Social.

PESQUISA DE ÁGUA

Se tiver água na sua propriedade esta ficará mais valorizada. Pode certificar-se dessa possibilidade se consultar

FRANCISCO MARTINS

considerado presentemente o melhor vedor de Portugal. Através dum moderno aparelho magnético ou simplesmente por raio visual, assinala a passagem da água a qualquer profundidade, possibilitando a abertura de poços com segurança e êxito.

TOMA RESPONSABILIDADE PELA INDICAÇÃO DE FUIROS ARTESIANOS

Se precisa de água na sua propriedade escreva para

FRANCISCO MARTINS

VICENTES - Tór Telef. 62096 LOULÉ



APARTAMENTOS

Vendem-se com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas de luxo, em S. Brás de Alportel, Loulé e Quarteira.
AMÂNDIO & CAVACO.
Av. da Liberdade — Telefones 42387/42433 — S. BRÁS DE ALPORTEL.



JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO, LDA.

SE PRETENDE ENCONTRAR UMA SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA...

- IMPERMEABILIZAÇÕES: COBERTURAS, PAREDES, FUNDAÇÕES, DEPÓSITOS, etc.
- PAVIMENTOS INDUSTRIAIS E PECUÁRIOS
- ISOLAMENTOS TÉRMICOS:

CÁMARAS FRIGORÍFICAS, COBERTURAS, etc.

Uma equipa de pessoal especializado encontrar-se-á ao seu dispor

Escritório: Rua Padre António Vieira — LOULÉ
TELEFONE 62 283

pequenas embalagens

Flintkote

EMULSAO BETUMINOSA

Shell Composites

5 kg

Flintkote

EMULSAO BETUMINOSA

2 kg

- isolamentos e protecções ■ pavimentos
- impermeabilizações ■ enxertos e podas
- coberturas

um produto que dura e faz durar!

DISTRIBUIDORES PARA O ALGARVE

JOSÉ GUERREIRO NETO & FILHO, LDA

Rua Padre António Vieira LOULÉ tel. 62283

Apontamentos dum contrerrâneo

● RELEMBRANDO AS FESTAS DA N.ª S.ª DA PIEDADE

Regressado a Mem Martins após estada de 3 semanas na terra natal, essa mui nobre Vila de Loulé, onde me orgulho de ter nascido e, se o destino não contrariar a minha vontade, conto terminar os meus dias, escrevo estas singelas linhas exteriorizando algo do que aí vivi nesse período.

Começarei por aludir à tradicional Festa Grande em honra de Nossa Senhora da Piedade, padroeira dos louletanos, à qual mais uma vez assisti e jamais faltarei, obedecendo à consciência íntima, enquanto a saúde me permitir a subida da íngreme ladeira.

É que esta festa atrai, como condão sublime, não só louletanos, muitos deles vivendo em terras longínquas, como milhares de comprovincianos e outros forasteiros, entre os quais já elevado número de estrangeiros, formando multidão compacta, fervorosamente ávida por assistir ao impressionante espectáculo, fiel demonstração de Fé, devoção e respeito: a famosa e secular Procissão, que culmina com a empolgante escalada da difícil rampa, num esforço supremo, maravilhoso, dir-se-ia sobrenatural, dessas 8 bravos, homens valentes e corajosos, que, anualmente, com justificado orgulho, merecem a honra de conduzir o pesado andor, esmeradamente ornamentado, levando a linda imagem da Virgem Santíssima com Seu Filho, em marcha inacreditavelmente veloz, de regresso à ve-

tusta Capelinha, ante o frenético entusiasmo dessa multidão imensa, vibrante — parte dela acompanhando aqueles homens no seu esforço e coragem ladeira acima —, que não cessa de clamar: Viva à Mãe Soberana! Viva aos homens do andor! Consagração admirável de veneração a Nossa Senhora e à valentia daqueles destemidos rapazes!

Findo o extraordinário e belo cortejo, quanto nos satisfaz o coração ver a alegria estampada no rosto de todos os que tiveram a dita de o presenciar e acenar seus brancos lenços em saudosa despedida, última homenagem à sua Senhora da Piedade.

A tal festa, de tão velha tradição e cunho original (não me consta que se realize outra semelhante), se refere primorosamente Pedro de Freitas num dos preciosos trechos do seu interessante livro «Recortes dos Jornais de Loulé e Faro», a que dou grande apreço.

● PEDRO DE FREITAS

Ao referir-me a Pedro de Freitas, contrerrâneo amigo por quem nutro elevada admiração e estima, aproveito o ensejo para, calorosamente, apoiar o alvitre de «A Voz de Loulé» no sentido de a este louletano ser concedida a Medalha de Loulé, como preito de gratidão, há muito devida, pelo seu amor e dedicação ao torrão natal durante toda a sua longa vida, bem expressos na valiosa obra literária que lhe tem consagrado,

enaltecendo-o com bairrismo insuperável

Com efeito, Pedro de Freitas faz tão vasta e pormenorizada descrição, profundamente realista, das tradições, costumes e folclore; foca tão notoriamente as grandes e modestas figuras, do passado e contemporâneas, nascidas em Loulé ou aqui se fixaram e de algum modo se celebrizaram, tornando-se, inesquecíveis para a posteridade, e alude, enfim, a tantos eventos regionais que a sua obra constitui perfeita antologia em prol do seu amado concelho, e que eu ou saria sugerir a vereação louletana a iniciativa de a mandar editar, sendo possível um só volume, e promover a sua divulgação em condições de fácil aquisição para conhecimento de muitos, recordação de alguns (recordar é viver) e apreço de todos.

Estou crente de que, sobretudo para os que há muito se ausentaram, a leitura desse livro constituiria um bálsamo para a saudade da terra que não esqueceram e, quicá, atracção para uma vinda até cá.

● JULGAMENTO DE «A VOZ DE LOULÉ»

Por ter falado em homens que, por seus méritos ou acções relevantes, contrerrâneos ou não, já-mais serão olvidados, ocorreu-me o caso insólito de o director de «A Voz de Loulé» ser julgado em Tribunal por ter, oportunamente, dito neste jornal: «é mais cómodo apoiar o partido que está no Governo». Ora, este julgamento, cujo veredicto foi favorável ao «réu», absolvido, embora com cavalas a cargo deste, realizou-se precisamente quando aí me encontrava, pelo que, naturalmente, tive ocasião de ouvir e observar comentários a propósito, porquanto o acontecimento, como é óbvio, interessou em especial a população local. Pois bem: a conclusão a que cheguei foi de que, na generalidade, a boa gente de Loulé lamentou, indignada, a atitude do querxoso, que levou um digno contrerrâneo que, laboriosa, estóica e honestamente, pugna pelo progresso do seu concelho, a sentar-se no indesejável banco dos réus por motivo tão fútil, já que tal frase, vulgar como é, sobretudo em época de eleições e política confusa, não encerra sentido pejorativo com tanto rigo, ora atribuído. Se assim não fora, os «réus» em todo o País seriam aos montes!...

Houve até quem se interrogasse se, noutros tempos de bairrismo mais acentuado, a reacção dos louletanos não seria diferente se alguém, que não sendo da terra nela prosperou, assim procedesse contra um prestimoso filho de Loulé, com fundamento tão insignificante!

M. G. F.

QUEM ESTEVE POR DETRÁS DA CONFERÊNCIA MUNDIAL CONTRA O «APARTHEID»?

Todos os que combatem claramente quaisquer formas de discriminação, todos os que amam a liberdade e a dignidade humana, não podem, evidentemente, apoiar uma sociedade onde se praticam diariamente violações aos direitos do homem. Mas, quem se insurge de boa-fé contra todas as formas de totalitarismo, não pode esquecer determinado sistema totalitário em benefício de outro. A conferência mundial contra o «apartheid» vestiu mais uma vez a capa habilidosa de que os cunhalistas e conciliadores se servem para, apontando os defeitos de determinados regimes, esconderem as agressões e as violações do social-imperialismo russo, que constitui neste momento a maior ameaça aos povos livres e democráticos. Socialistas e «comunistas» mais uma vez deram as mãos, fazendo-nos lembrar a santa aliança, quando da entrega das ex-colónias ao social-imperialismo russo, que matou e continua a matar milhares de pessoas sem que o Governo Português se preocupe com tais agressões.

O trio gongalista ressurgiu em alguns jornais e não faltou à reunião presidida por um elemento do partido do Governo que mais uma vez fez a sua própria sepultura. Um Governo inoperante, que não é capaz de resolver a sua crise interna, meteu a pata na poça ao conciliar-se com o social-fascismo, inimigo principal da democracia e do progresso.

Porque não fizeram os socialistas uma conferência contra todo o totalitarismo, incluindo o do Leste? Têm os socialistas medo de magoarem o dr. Álvaro Cunhal? Será que os responsáveis pelos destinos do nosso País pensaram nas consequências graves que tal conferência nos pode acarretar? Se a África do Sul recambiar para Portugal os 600.000 portugueses que lá vivem e ganham o pão,

o que faz o dr. Soares? Manda-os para o Brasil? Joshua Nicomo ao pedir armas para combater o «apartheid» não estará a violar os direitos do homem? O partido do Governo que tem tanto medo da força conservadora, que recusa comparecer às reuniões PSD-CDS porque estas representam o lado direito da balança, os 48 anos de ditadura, não se intimida, ao comparecer em reuniões com cunhalistas e pseudo-revolucionários fiéis à doutrina do novo Hitler, Brejnev? O Governo esquece que a extrema-direita poderá tirar proveito da situação e Portugal transformar-se no Chile europeu? Cada dia que passa a loucura cresce. O País afunda-se diariamente e as conferências familiares que nos fazem lembrar as conversas em família do prof. Caetano apenas nos atiram para a cauda da civilização ocidental.

O Governo continua a dar uma no cravo outra na ferradura, mas os que têm os olhos bem abertos não se deixam enganar pela demagogia permanente que nos invade as nossas casas através da informação controlada pelos socialistas. O Governo, olha tanto para o social-fascismo que qualquer dia poderá cair na ditadura e a liberdade e a democracia que nos prometeu poderá ser esmagada pelos extremistas. Devemos combater todas as formas de repressão mas pela razão, pela igualdade, pela justiça. Os extremos tocam-se e Hitler e Brejnev são tão parecidos que qualquer democrata não consegue distingui-los. O expansionismo soviético não é diferente do hitleriano. Ambos são colonialistas. Os socialistas se persistem em andar ao lado do social-fascismo acabam por substituir a tão apregoadada democracia, pela ditadura.

E nós já estamos fartos!

LUIS PEREIRA

Monturos na vila a pedir a intervenção da brigada de limpeza camarária

(continuação da pág. 1)

nham logo as atenções gerais, há paralelamente outros, que visando por vezes lugares pouco ou nada concorridos escapam até ao olhar crítico comum.

Não obstante, essas insólitas e insuspeitas lixeiras não deixam de oferecer uma potencial ameaça contra a desprevenida saúde pública...

Cabe-nos aqui denunciar e tomar posições quanto ao que se pode observar (por quem já passa) na estrada que saindo da Rua David Teixeira (no prolongamento da R. da Carreira) corre paralela à principal artéria desta vila, a Av. José da Costa Mealha, e desemboca perto do poço da Cássima, nas imediações da Escola Secundária de Loulé.

Esta estrada de cariz vicinal, de terra batida, é pouco concorrida.

Os novos arruamentos retiraram-lhe a serventia, mas o seu desuso foi aproveitado noutro sentido. Aí se acumulam lixo, entulhos, despejos furtivos e mesquinhos, transformando parte do seu troço numa repelente e infecta escurmeira. E isto, se pode dizer, à ilharga da Av. José da Costa Mealha, no coração da vila e nas imediações de muitas das suas casas.

O verão aí está, e com ele as coortes de visitantes e forasteiros para admirar as muitas belezas e atracções desta vetusta e ridente Vila.

O pior é que ante as promessas de um verão cáldio, este LOGRADOURO recôndito pode provocar os seus dissabores. Não para quem passa mas para quem aqui permanece.

Os que passam, só por mero acidente toparão com tal desconchavo, o que não abonará nada a favor dos serviços locais encarregados da limpeza, que não existem só para salvar as aparências. Os que aqui estão podem sofrer as suas implicações e, quanto mais não seja, já que muito quem à sua terra, sentir-se-ão confrangidos ao saber do descuro a que condenam certos recantos contíguos ao centro da vila, fadados à construção civil sim, mas nunca vocacionados para estruturas nauseabundas.

Por isso, apelamos para os serviços de limpeza, para os zeladores da salubridade pública, para o

vogal camarário que dirige o pelouro da higiene, para a Câmara em suma, para que tome as suas providências e se não deixe surpreender por reparos que atingem obrigações pertencentes à esfera da sua acção e competência.

Há que acabar com tais focos de sujidade, desmazelo e doença e que agir de molde a contrariar e a reprimir hábitos atentórios da sanidade pública.

Há que dizer à população que é mais fácil não sujar do que limpar.

Há que chamar a atenção dos habitantes de Loulé para que não sejam as nossas ruas.

Há que fazer alguma coisa para que a Rua da Carreira não seja uma das mais porcas de Loulé — apenas por culpa de 2 ou 3 pessoas.

É urgente saber quem suja as portas dos vizinhos, para que a porcaria acabe à porta de quem a não faz...

NOVOS CORPOS GERENTES DA CASA DO ALGARVE

Foram eleitos para o biénio de 1977/78 da Casa do Algarve em reunião da Assembleia-Geral decorrida no passado dia 2.

É esta a sua formação: ASSEMBLEIA GERAL — Presidente: Dr. Maurício Serafim Monteiro; Vice-Presidente: Dr. José Raul da Graça Mira.

DIRECÇÃO — Presidente: Joaquim António Nunes; Vice-Presidente: José Francisco de Magalhães Barros Gamboa; 1.º Secretário: Cap. João José Encarnação Gomes; 2.º Secretário: José do Carmo; Tesoureiro: José Correia Xavier Basto; Vogais Efectivos: António Francisco Paulino e José F. Matoso Palma; Vogais Suplentes: Crispim G. Nunes Viegas e Serafim Neves Cabrita.

Loulé ficou representada no Conselho Superior Regional pelos Drs. António de Sousa Pontes e Quirino Santos Mealha.

NATAÇÃO EM LAGOS

Realizou-se em Lagos, na piscina olímpica do Parque de Turismo, o 1.º Torneio Aberto do INATEL que congregou a presença, quer individual quer colectiva, de todos os interessados neste tipo de animação desportiva, de ambos os sexos e com idades superiores a 15 anos.

As inscrições estão abertas no local das provas até 30 minutos antes de início do certame.

O calendário elaborado é o seguinte:

Dia 9 (Sábado) às 16 h. — A 1.ª jornada envolve provas de masculinos nos 50 m. bruços, 50 m. costas e estafetas 4x50; femininos, nos 25 m. bruços e 25 m. costas.

Dia 10 (Domingo) às 10:30 h. — A 2.ª jornada envolve provas de masculinos nos 50 m. mariposa e nos 100 m. estilo livre; femininos 25 m. mariposa e 50 m. estilo livre.

Serão atribuídas medalhas aos primeiros classificados e taça ao grupo ou organização, com maior número de participantes.

No mesmo local e horas, efectuar-se-ão as provas oficiais para selecção da representação algarvia aos campeonatos nacionais. A estas competições

INCRÍVEL DESMANTELAMENTO DE UMA PRÓSPERA EMPRESA

A notícia vem inserta pormenorizada e extensamente no jornal «O Dia» e até parece insólita, mas não é. Infelizmente, é lamentavelmente verdadeira.

Contamo-la muito pela rama. A firma «Luís Pedro Mendonça» ficou devendo ao empresário do mesmo nome a posição, economicamente vantajosa, que chegou a granjear.

Partindo praticamente do nada, Luís Pereira Mendonça depois de porfiado labor e engenho conseguiu criar uma fábrica de acessórios para telefones, ainda hoje,

uma das principais fontes de equipamento dos CTT/TLP.

De ponto de partida serviu um seu invento, uma caixa terminal telefónica (reduzida de 11 para 1,5 Kg), que se deixou de importar de Inglaterra.

A indústria desenvolveu-se, evidentemente sob o impulso e a criatividade do seu empresário.

Mas nada disso foi levado em conta. Em Maio de 1975, sob a influência e a efervescência «gongalista», a comissão de trabalhadores decretava a autogestão. Mais tarde a obra de rapina foi terminada com a própria intervenção do Estado.

Todavia, o Governo constitucional decreta a desintervenção, publicando-a na folha oficial. Não obstante o poder constitucional ante a recusa de alguns trabalhadores, transige, não obrigando ao acatamento da justiça e da lei.

Sob a orquestração da comissão de trabalhadores, ao que se traduz bem catequizada pelo figurino revolucionário, os assalariados da empresa impedem o «regresso do patrão».

Sucede assim que em face ao impasse da situação a fábrica vai enfrentando uma gradual degradação produtiva e caminha para a frustração.

Receia-se mesmo que atinja um estado de inoperância tal que paralize o sistema laboral dos acessórios da rede telefónica, o que a registrar-se acarretará grandes inconvenientes para a rede telefónica nacional.

Então ter-se-á de recorrer às onerosas importações do estrangeiro.

Se as leis se fizeram para se cumprir, porque razão há neste país quem ostensivamente as desobedeça?

Anuncie em «A Voz de Loulé»

MAIS UMA VÍTIMA DE ACIDENTE DE VIAÇÃO

(continuação da pág. 1)

uma curva para tomar a estrada para Lisboa, acabou por embater violentamente na roda traseira daquele veículo.

Em estado muito grave foi conduzido com urgência para o Hospital desta vila, onde apesar dos socorros médicos faleceu 2 horas depois.

Jorge José Guerreiro Bernardo, tinha no dia anterior completado os 18 anos e era filho do sr. José Bernardo, mais conhecido por Picaluxa, industrial de serrallaria e de Rosária Coelho Guerreiro.

Aos pais do indito jovem, endereçamos as nossas condolências.

GOVERNO que não governa

Nos Açores os movimentos separatistas criam problemas aos socialistas e ao próprio Governo da região autónoma, mas o governo central esquece que esta problemática advém da incapacidade conjuntural do Governo minoritário Socialista. São numerosos, os que se preocupam com o seu carreirismo irrealista, contudo os portugueses não podem continuar a sofrer a escalada da destruição e da miséria. Afirma o Governo, não quer comprometer o seu eleitorado, recusando, por isso, alianças com outras forças políticas. Efectivamente que, o que acontece é que se houvesse eleições neste momento nós não saberíamos quem ganharia, mas provavelmente as pessoas que votaram no Partido Socialista prefeririam ver os seus problemas resolvidos, do que agravados pela teimosia do «orgulhosamente sós».

Os empréstimos a Portugal não solucionam a crise económica porque de qualquer modo o Povo Português terá que pagá-los. Enquanto o consumo ultrapassar a produção viveremos numa situação de impasse e aumentará o descontentamento geral, o que poderá provocar uma confrontação entre portugueses.

O Governo terá de agir, de modo a que os ordenados sejam proporcionais à produção da empresa, caso contrário os empréstimos diários esbanjam-se em ordenados irrealistas e a política de impostos irá incidir sobre todos os portugueses. Quanto à habitação e à urbanização, o Governo também não consegue restringir as desigualdades existentes. Qualquer indivíduo que afastado da sua família, andou por esse mundo fora arranjando algumas economias, e que hoje tem os seus prédios alugados, está em desvantagem sobre os inquilinos, visto que está impossibilitado de aumentar as suas rendas, que ainda se situam iguais ao 24 de Abril 74, enquanto que estes últimos, muitos deles com ordenados superiores aos proprietários das casas, afirmam não ter dinheiro para pagar 200 ou 300 escudos por mês, mas têm-no para passar férias em aldeias turísticas onde pagam num mês, quase tanto como pagam num ano a casa em que habitam. Grande parte do turismo que tivemos o ano passado é oriundo da Cintura Industrial o que revelou também grande incapacidade dos governantes face à importação de turismo estrangeiro, mais rentável e que nos deixa mais divisas. Este ano, espera-se grande afluxo de turismo estrangeiro. Esperemos que as divisas sejam bem aproveitadas e não sirvam para encher as algibeiras de determinados indivíduos. O desemprego aumenta, e a criação de postos de trabalho torna-se cada vez mais urgente, simplesmente os investimentos também se encontram cancelados, visto que os sindicatos estão ainda em grande parte controlados pelo Partido Comunista, o que constitui uma afronta a quem dispõe de algum dinheiro para investir. A Rádio e a Televisão, englobam grande quantidade de empregados que não produzem mas que comem, talvez melhor, do que muitos trabalhadores do campo. Chega-se ao cúmulo de nos noticiários aparecerem mais de quatro ou cinco locutores, num espaço tão curto. Tudo vai mal neste País. O Governo não poderá

recuperar a economia se persistir, no que aliás tornou-se seu hábito, governar sozinho e sem a competência necessária à resolução da crise. Aumentam as tensões em todos os sectores. Um governo longo, como o nosso, terá de responder pelos erros que comete e a História há-de julgar os verdadeiros culpados da crise. Recusando alianças, o Governo recusa a democracia e a liberdade, porque face à não resolução dos problemas, aparecerá um «salvador» qualquer que não será um salvador, mas sim um ditador. Esperemos que não seja necessário vir novamente para a rua, gritar contra o totalitarismo!

Luís Pereira

DESABAFO DO ZÉ: ADEUS BACALHAU QUE TE VAIS À VELAI

Quer queira quer não o Zé tem que abrir os olhos, antes que a sua proverbial confiança no destino se volte contra ele próprio.

Por isso toma as suas precauções ciente de que «homem prevenido vale por dois».

Não deseja ser apanhada, portanto, de surpresa, de mais uma partidinha de mau gosto pregada pelo «fiel amigo», que depois de um rol de anos de longa amizade acabou por lhe negar a presença e os préstimos.

Agora já sabe o Zé que o «fiel

amigo» vai primar por um infidelíssimo afastamento e provavelmente por uma mais elevada cotação no mercado consumidor, que é aquele sector público de compra a retalho que costuma pagar as favas, por grosso e atacado.

Sabe o Zé, que adquiriu o costume de ler os jornais, que, a área marítima concedida a Portugal bem como a outros, países, para a pesca do apreciado bacalhau, vai ser reduzido, como medida preventiva da sua sobrevivência.

Não está o Zé, evidentemente, em posição para ajuizar da justeza das razões alegadas, mas não deixa de lastimar que a Portugal, que fez noutros tempos do bacalhau uma instituição nacional e um refúgio seguro e prestante para o pobre, sejam levantadas mais restrições além das que amargamente já conhece e que o obrigam a apertar o cinto.

É que na verdade, na presença do galopante e fatigante subir das coisas de que carece o Zé, que se rege por uma lógica férrea sabe bem que a tal redução da área do bacalhau vai contribuir para o adelgaçar da sua cintura.

Daqui a pouco com o apertar constante do cinto, tem de abrir mais furos e estes é claro têm um limite: de tanto apertar estrangulam-no até ao esqueleto.

Antes que esta história do bacalhau tome aspectos tão mórbidos, é justo que o Zé faça as suas interpeleções e saiba das razões que minaram estas suas relações com o «fiel amigo».

Se não lhe falha a memória, já chegou a comprar na loja da esquina, noutros tempos (e não noutras eras) uma boa posta de bacalhau remolhado (que saudades) por cinco tostões. Depois o bacalhau, para não destoar das outras coisas começou a subir, mas raramente a escassear.

Agora, quando se encontra (que já é uma pechincha) custa um dinheirão incorporável para a bolsa do Zé, que só se resolve a adquiri-lo quando o «rei faz anos».

Final, o Zé que tem sabido resignar-se com as privações, pôs de lado o «fiel amigo» e acabará, pelo andar da carruagem, a esquecê-lo completamente.

O Zé ainda se agarra a ténues esperanças fundamentadas na nossa frota bacalhoeira que ficou liberta dos seus antigos patrões. Mas já não confia muito na maré da abundância que só existe para quem tem bons e principescos ordenados...

Bacalhau quando há e se o houver irá direitinho para a barriga desses novos-ricos.

Pançudos!

Dó Zé Ninguém

CARTAS AO DIRECTOR

● ESTADO DEPLORÁVEL DO LARGO DE S. FRANCISCO

Ex.mo Sr. Director
da «Voz de Loulé»

Resolvi escrever esta carta para testemunhar o meu descontentamento e repúdio pelo estado caótico em que se encontra o jardim do Largo de S. Francisco.

Apreciando por alto e sinteticamente o assunto julgo que este jardim poderia desempenhar um papel mais importante para os habitantes desta vila, em especial para a população juvenil, desde que fosse melhorado consideravelmente. Pois, o dito jardim, que não reúne condições para tal, demonstra carência de um tapete de relva mais convidativo para as crianças. Em compensação denota abundância de erva daninha mais própria para terrenos baldios.

A ausência de flores, claro está é também notória; como um velho lago abandonado com peixes esfomeados e defeituosos; um repuxo a deitar por fora; um quiosque deficientemente situado; e muitos outros factores que nem vale a pena aqui citar, contribuem para o desencanto do Largo de S. Francisco que merece melhor sorte e mais apreço.

Este estado de coisas conclama as devidas atenções.

Considero muito infeliz a ideia de se terem colado ali uns bancos onde não apetece repousar, dado que não tem onde nos posamos encostar.

Quem teria tido aquela ideia? Por isso pergunto qual a função dessa incógnita e não reconhecida Associação 26 de Junho desconhecida para 95% dos habitantes da Freguesia de S. Sebastião? Responda quem souber.

J. L.

● OS NOSSOS EMIGRANTES TÊM FALTA DE ESCOLAS

Ex.mo Sr. Director

Dirijo-me com esta carta a V. Exa, em meu nome e no dos emigrantes que se encontram distancados a milhares de quilómetros do nosso Portugal.

Por este meio pensamos que

será mais fácil apresentarmos publicamente, aos Ex.mos Srs. Primeiro Ministro, dr. Mário Soares e ao Ministro da Educação, dr. Cardia, a grande necessidade que nós encontramos nestas terras da Europa de escolas que, ensinam aos nossos filhos, que são também portugueses, a língua materna.

Há bastante tempo que insistimos junto das nossas entidades consulares pela resolução do nosso anseio que é de facultar um professor de português, para lembrar aos pequenos emigrantes como se deve pronunciar e não esquecer a palavra PORTUGAL.

M. Lourenço
CAEN — FRANÇA

● UM APELO A FAVOR DE «MANEL PARVO»

Acedendo ao pedido que nos foi endereçado, aqui damos à estampa na íntegra a carta e a poesia da nossa leitora e assinante, sr.^a D. Maria Isabel Correia Cavaco, que tem por lema a figura típica de «Manel Parvo».

Formulamos entretanto votos de que a sua sugestão amealhe a boa compreensão e generosidade para as quais apela:

Sou louletana mas resido há muito em França, onde trabalho e estudo. Este ano, porém, vim passar alguns dias à minha terra. Encontrei-a mais desenvolvida, mais bela, mas... uma coisa me entristeceu bastante. Foi o caso da «Manel Parvo». Desde pequena que conheço o «Manel». É uma figura típica da nossa terra e nunca pensei que, depois da ausência que fiz, o vir encontrar tão miseravelmente vestido e roendo uma cósia de pão duro. Porquê não se lhe dar uma velhice mais confortável que a vida que tem vivido? Porquê não lembrar ao sr. Presidente da Câmara para lhe arranjar uma casa no bairro económico de Loulé? Porquê não pedir a todos os louletanos um contributo para a sua alimentação e vestuário? Embora longe, também ajudarei.

Senhor director, regresso depois de amanhã a França. Nada posso fazer por ele, mas lembrava que talvez um grupo de jovens de boa vontade, fizesse alguma coisa para minorar a sua desdita. Peça no seu jornal e tenha a certeza que alguém há-de aparecer. Confio nos jovens louletanos.

Lembrei-me também de fazer algumas quadras para o sr. publicar no seu jornal, caso se interessasse pelo assunto, pois que, depois de deixá-lo morrer na miséria, de nada servirá falar-se nele; nessa «figura típica de Loulé».

Aqui fica o meu apelo e uns simples mas sentidos versos.

Agradecendo tudo quanto possa fazer, sou

Maria Isabel Correia Cavaco

Não há ninguém em Loulé
Seja adulto ou criança
Que não conheça o «Manel Parvo»
Fazendo a sua baracinha.

Figura típica nesta vila
Sempre trabalhando, contente,
A miséria não o aflige;
Sorri pra toda a gente

De mentalidade atrasada
E ingenuidade desmedida
Com a palma debaixo do braço,
Torce, torce, é a sua vida!

O «Manel» não tem juízo
Mas não faz mal a ninguém
E há gente ajuizada
Incapaz de fazer o bem!

Já ouvi alguém dizer:
O Manel fica na história!
Pensai amigos!... depois de morto
Que lhe servirá ficar na memória?

Mostrai gente louletana
Que tendes bom coração.
Interessai-vos pelo «Manel Parvo»
E melhorai-lhe a situação!

TURISMO PORTUGUÊS EM MARÉ DE DESPRESTÍGIO

(continuação da pág. 1)

tal mas a sua incapacidade de solvência (da Torralta), não possibilitou a satisfação do pagamento salarial que acusou um atraso de quatro meses de ordenados.

Ora isto resultou, no fim de contas, num turbilhão de complicações que a Comissão Administrativa não conseguiu aplacar, antes pelo contrário.

Não só não se chegou a ultimar o acabamento das torres planeadas para o impulsionamento turístico, como também as instalações onde se alojaram os turistas estrangeiros ávidos de repouso, de comodidades e bom trato, redundou num fiasco monstro, numa manifestação colectiva de protestos.

Nenhum componente da Comissão Administrativa se apresentou para enfrentar as responsabilidades do problema emergente.

Primeiramente form os operários que se insurgiram contra a falta de pagamento. No caso interveio, cheio de boa vontade o presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, Cabrita Neto, que embora não lhe cabendo responsabilidades no tocante à Torralta, tentou dirimir a questão.

Depois foram os próprios turistas que se insurgiram contra as deficiências acusadas pelas instalações: não funcionamento de elevadores, falta de electricidade e de água.

Aqui o assunto piou mais fino e mais contundentemente. Em face ao atabalhoado da questão, ao desvio de voos por falta de instalações contra-

tados com a Torralta, os representantes da RESO fizeram constar a sua decisão de embargar a «operação Portugal», que a concretizar-se acarretará sérios embaraços e contratempos ao turismo português.

Há que tirar ilações deste desastroso caso da Torralta. Através dele torna-se notória a incompetência gestora da Comissão Administrativa que demonstra clara incapacidade de planeamento e falho sentido das responsabilidades.

As implicações são realmente de tal monta que requerem uma apreciação mais atenta dado que o ramo turístico, com o qual não se deve brincar, é considerado prioritário para a economia nacional.

Por isso justifica-se que perante a Torralta, que é uma empresa intervencionada se levantem dúvidas que vão mais longe.

Por exemplo que atenção mereceu o amontoado de problemas da Torralta por parte dos organismos estatais, que supervisionam esta matéria?

Não há dúvida que toda esta conjuntura está a exigir uma revisão de processos antes que as inconsequências e as incompetências metidas no esquema e no dispositivo delicado do turismo, acabe por atirar uma promissora fonte de divisas para o campo da falência e ao descrédito, para não dizer irrisão internacional.

Será caso para indagar se a Comissão Administrativa da Torralta pensa que a indústria hoteleira que dirige tem alguma semelhança com a demagogia das palavras gratuitas.

OLHÃO: Para não fugir à regra o fim da temporada futebolística saldou-se em violência

Na sequência de uma série de tristes ocorrências que ensombraram a recém terminada época futebolística, e de que oportunamente nos fizemos eco com a indignação e o relevo que mereciam, fechou-se vergonhosamente mais um ano cuja análise fria e realista só pode indicar para um saldo extremamente negativo.

O problema não reside, para nós louletanos, em termos que esperar e recomençar mais trezentos e sessenta e cinco dias na esperança de ver finalmente uma equipa de Loulé ascender à tão almejada Terceira Divisão Nacional.

A questão fulcral e causal de tal balanço deficitário reside no fluxo ascensional que registaram as extrava-

sões de violência exacerbada que denegaram um ideal de prática desportiva que muitos de nós julgamos de elemental justiça defender.

E se ao fim de todas estas jornadas futebolísticas chegamos à conclusão de que a deformação desportiva avançou, conquistando um perigoso espaço de intolerância, o problema não deve ser encarado unilateralmente, mas sim, situando a deformação desportiva dentro de uma deformação de carácter muito mais geral, que englobe as suas diversas facetas: deformação política, deformação moral, deformação sexual, etc..

Quanto ao resto, não nos vamos ater em demasia, até porque tais relatos já vão, infelizmente, pecando

por monotonia. Em Olhão, desta vez mais entre o público, houve pancarlaria, cabeças e pescoços partidos, feridas abertas, um pandemónio geral. Dentro do campo, debaixo de grande clima de intimidação, o Louletano perdeu o primeiro desafio da época, logo aquele que mais falta lhe fazia para os seus objectivos de ascensão ao escalão superior. Podia até dar-se ao luxo de perder por 1-0. Acabou perdendo por 2-0, quando a quinze minutos do fim definha um empate a zero bolas. O guarda-redes Túlio muito desportista puramente amador, teve que sair de maca. No final, jurou nunca mais jogar à bola.

É triste. É desanimador. Mas é verdade!

CÃES VADIOS

Assim se chamam aos animais abandonados. Vadio é o que vagueia sem rumo e sem dono.

Há nesta vila de Loulé e arredores grande número de animais abandonados. Alguns aparecem em tal estado de magreza, olhando as pessoas com tamanha tristeza, talvez querendo comunicar com elas o sofrimento e a fome que sentem, esperando que alguma alma caridosa se condoça.

Neste sentido, algumas pessoas amigas dos animais, pensaram formar uma associação, e para esse fim se arranjaram alguns sócios. Mas só isto não basta. Faltam pessoas com conhecimentos, fundos para as despesas indispensáveis e muitos mais sócios. Se tudo isto se concretizasse, a associação seria formada, e com o apoio e a boa vontade da Câmara de Loulé, poder-se-ia arranjar um canil para recolha destes animais. Mas como tudo falta, excepto a boa vontade de alguns, que só por si não chega, nada se pode fazer.

É triste que voltemos a ter a «tal carroça» fatídica que os leva à morte, quando se lhes poderia conservar a vida. Era bom que as crianças não vissem a captura dos animais, porque isso as deprime. Então só nos resta apelar para que a consciência adormecida de alguns e a incompreensão de outros, que na maioria das vezes nem é por mal, despertem, que sejam compassivos e não abandonem os seus animais. Lembrem-se que são seres vivos, e como tal também sofrem como qualquer ser humano. Se todos compreendessem este apelo (estamos certos que sim), o número de animais abandonados diminuiria até

não haver nenhum, e a tal «carroça» deixaria de aparecer para todo o sempre.

Junto ao nosso apelo vai a Oração do Cão.

OS AMIGOS DOS ANIMAIS

ORAÇÃO DO CÃO

Senhor
Quando distribuíste as Tuas belezas e as tuas riquezas na criação, a mim tocou-me a fidelidade.

Que coisa bela Senhor! É-me natural ser constante no amor ao homem.

Quando estou com eles, com os meus amos, e em família, as crianças podem-me puxar pelas orelhas e eu não me aborreo; sei traduzir o meu carinho em gestos, movendo a cauda; os meus amos dormem tranquilos durante a noite porque eu vigio.

Estou contente com a minha fidelidade e dou-Te graças!

Bem sei que há cães que não são assim. Porém, só são maus os cães a quem ninguém quer. Eles não têm culpa. E então andam solitários e desconfiados e têm medo e são maus, como alguns homens. Para mim e para cada homem Te peço que a todos nos des alguém que nos queira. Creio que isso é uma condição indispensável para poder amar e para amar com fidelidade.

Além disso, tenho ouvido dizer que o amar com fidelidade é o que mais nos faz parecer Contigo.

Senhor, completa a Tua obra. Recria-nos sempre à Tua imagem e semelhança. Amém.

(In «Almanaque das Missões»)

NOTÍCIAS DIVERSAS

★ «FESTAS DO EMIGRANTE» EM OLHÃO

O Sporting Clube Olhanense vai promover, de 13 a 30 de Agosto, com a colaboração da Comissão Regional de Turismo do Algarve, as «Festas do Emigrante», as quais incluem um vasto programa de manifestações artísticas, culturais, recreativas e desportivas.

As festividades decorrerão no Estádio Padinha, em Olhão, onde funcionará uma «Mini-Feira».

★ «CAMÕES PLAYERS» DO HAWAII, EM VILAMOURA

O grupo «Camões Players», constituído por descendentes de

portugueses radicados no Hawaii e que se encontram no nosso País, actuará no dia 28 (3.ª feira) no Hotel Dom Pedro, em Vilamoura, na interpretação de danças e canções hawaianas.

★ «FESTIVAL NACIONAL DE FOLCLORE» NO ALGARVE

A Comissão Regional de Turismo do Algarve promove, de 8 a 11 de Setembro, o «Festival Nacional de Folclore», que terá a participação de 20 agrupamentos folclóricos do Continente, Açores e Madeira.

Estes ranchos actuarão em vários locais da província.

★ FESTAS EM MARMELETE

A típica aldeia de Marmele, no concelho de Monchique, efectua as tradicionais festas em honra de Santo António, no dia 7 de Agosto.

São as mesmas promovidas pela Junta de Freguesia de Marmele, com a colaboração da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

★ FESTAS EM MONTE NEGRO (FARO)

O Clube Desportivo de Monte Negro promove, naquela ridente zona dos arredores da capital algarvia, as suas tradicionais festas anuais, de 13 a 15 de Agosto.

CATARINO, NEVES & CORREIA, LIMITADA

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

A cargo da Licenciada Soledade Maria Pontes de Sousa Inês

CERTIFICO: — Para efeitos de publicação, que por escritura lavrada em trinta e um de Maio findo, de folhas onze verso a treze verso, do livro de notas para escrituras diversas, número nove-A, foi constituída entre Francisco Romão Ana Catarino, João Manuel Arroja Neves e César da Luz Dias Correia, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regulará nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «CATARINO, NEVES & CORREIA, LIMITADA», tem a sede na Rua Vinte e Cinco de Abril, número quarenta e oito-A, em Quarteira — Loulé; a sua duração é por tempo indeterminado, iniciando hoje a sua actividade.

SEGUNDO — O objecto da sociedade, é toda a actividade relacionada com compra e venda de materiais de construção, podendo no entanto dedicar-se ao exercício de qualquer outro ramo de comércio ou indústria, que os sócios acordem e não seja proibido por lei.

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de cem mil escudos, dividido em três quotas, sendo de cinquenta mil escudos, a quota do sócio Francisco Romão Ana Catarino e de vinte e cinco mil escudos, a quota de cada um dos sócios, João Manuel Arroja Neves e César da Luz Dias Correia.

QUARTO — As cessões de quotas a estranhos dependem do consentimento da sociedade, que se reserva o direito de preferência na aquisição; se esta não puder ou não quiser exercer tal direito, poderão os sócios usar desse direito de preferência.

QUINTO — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem

remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, pertence a todos os sócios que desde já são nomeados gerentes.

SEXTO — Para obrigar a sociedade e representá-la em juízo ou fora dele, são necessárias as assinaturas dos três sócios gerentes, excepto nos actos de mero expediente em que basta a assinatura de qualquer dos gerentes.

SETIMO — Os sócios poderão delegar os seus poderes de gerência, por meio de procuração, com poderes expressos.

OITAVO — É expressamente proibido aos gerentes, obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e outros actos ou contratos estranhos aos negócios sociais.

NONO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com pelo menos oito dias de antecedência.

DÉCIMO — Falecendo algum sócio ou for ele interdito, a sociedade não se dis-

solve; o cônjuge e os seus herdeiros escolherão entre si um que a todos represente enquanto a quota se considerar indivisa.

Está conforme o original, na parte transcrita.

São Brás de Alportel e Cartório Notarial, aos sete de Junho de mil novecentos e setenta e sete.

A Ajudante do Cartório, (Assinatura ilegível)

MARCENARIA PINTASSILGO

Execução de serviços de marcenaria e carpintaria. Rua da Mina — LOULÉ.

Para entrega imediata vendemos:

PARQUET (TACOS) MUSSIBI DE 1.a

Vende-se também uma betoneira nova e Materiais de Construção.

Amândio & Cavaco — Av. da Liberdade — Telf.: 42487 — S. BRÁS DE ALPORTEL.

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo, Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída par Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA. — Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

Fábrica de curtumes VENDE-SE

Com armazéns e terreno anexo. Sem empregados, vende-se por motivo à vista. Situada junto ao Convento de Santo António, em LOULÉ.

Nesta redacção se informa.



Armelim Contreiras & Gonçalves, Lda.

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Resid.: Rua dos Combatentes da G. Guerra, N.º 14-1.ª Esq.ª
Telef. 62919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

SIEMENS SURDOS

UM SIMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado em Acústica Médica na Alemanha

ATENÇÃO ALGARVE



Ouvido Secreto

CONSULTAS no dia 20 DE JULHO nas seguintes cidades, onde o especialista da nossa Casa faz a aplicação de prótese auditiva:

Em PORTIMÃO — na Farmácia Carvalho das 9 h. até às 11 h.

Em LOULÉ — na Farmácia Pinto às 12 h.

Em OLHÃO — na Farmácia Rocha às 15 h.

Em FARO — na Farmácia Almeida das 17 h. até às 19 h.

Escrit. e Laboratórios em Lisboa: Rua da Escola Politécnica (entrada pela Calc. Eng. Miguel Pais, 56-1.ª)

PROPOSTA DE CASAMENTO

Rapaz canadiano deseja corresponder-se, em inglês, com rapariga portuguesa, falando inglês, de 25 a 30 anos para fins matrimoniais. Resposta a Canadian Bechtel Limited — P. O. Box 4003 — Fort Mc Murray — ALBERTA (T5H 3 e 5).

POLÍTICA DE HOJE

VIRADA PARA A SALVAÇÃO NACIONAL

(continuação da pág. 1)

panaceia, conduziam o país para a via estabilizadora da recuperação.

A vias de estabilização, por seu turno, pelo menos a económica, constrangeu ao pagamento de um preço que, metaforicamente, se convencionou nomear por medidas de austeridade, tomadas antes que as nossas reservas-ouro levassem o mesmo caminho das reservas-divisas as quais se evaporaram na voragem efervescente do consulado gonalvista. É claro que os seus efeitos na vida prática foram dolorosos. Agravou-se a inflação e comprometeu-se consideravelmente o poder de compra do cidadão comum.

Entretanto, o desencanto do povo acentua-se gradualmente à medida que se verifica as contradições entre as muitas promessas que lhe foram tributadas e as duras evidências que extrai da experimentadas agruras das dificuldades quotidianas.

Tem naturalmente dúvidas de que o séquito de medidas de austeridade e sobriedade cheguem para remendar as muitas brechas abertas na economia portuguesa (hesitante na vocação) ainda a navegar no mar das incertezas e no artificialismo dilatatório dos empréstimos internacionais.

De há muito que de resto se vem batendo até à saturação fastidiosa na tecla da produção, como de tábua de salvação se tratasse, como dispositivo de reanimação, mas, o imperativo esbarra nos escolhos instrumentalizados. Incompetências, gestões deficitárias, greves selvagens que não objectivam, no final, qualquer proveito comunitário positivo.

Pois bem, embora não seja assim tão simples à primeira vista e de relance, já que os partidos costumam puxar para o lado que convém ao jogo dos seus interesses, que nem sempre, (infelizmente) se identificam com os do povo e com os da nação, é chegado o momento de levar por diante não uma política-ideológica, mas uma política-lógica e uma sócio-lógica concordantes com os problemas e os desideratos mais urgentes e avultantes, que tocam de forma particular à salvação nacional.

Temos pois de ponderar e não descurar premissas obtidas pela sociologia moderna que fixa uma regra a não desperdiçar, e que incide na eficácia e na produtividade em prioridade sobre os partidarismos.

Se o custo de salvação nacional passa efectivamente por um dilema pragmático essencial, que é o de conceder a primazia à produção e à eficácia, não convirá que através de habilidosos e subreptícios maneios as ideologias cometam ingerências de tomo, invertendo os termos do enunciado com resultados porventura nefastos aos fins em vista, quando não contrários.

Assim, obliterados os desígnios, em vez da consecução da almejada «salvação nacional» poderá sair na rifa sorteada pelos aprendizes de feiticeiro, a «perdição nacional», que evidentemente não tem qualquer aliciente para a recém implantada democracia, que se pretende salvaguardar na sua pureza para o próprio país, cioso da sua independência moral e social.

Não convém esquecer, o papel que cabe aos partidos políticos que encontram no climax democrático a razão da sua existência.

Para já independentemente das discussões críticas escalpelizadoras, que visam o esclarecimento dos proble-

mas e as soluções mais consentâneas, terão de ser postas de lado, renunciadas e sacrificadas a consolidação do país, a estratégia e a controvérsia corrosiva e gratuitas de contexto.

J. C. VIEGAS

ANA LUÍSA MARREIROS NETO COSTA GUERREIRO

Em casa de sua residência em Loulé faleceu no passado dia 14 de Junho a nossa conterrânea sr.^a D. Ana Luísa Marreiros Neto da Costa Guerreiro, que contava 68 anos de idade.

A saudosa extinta era viúva do sr. José da Costa Guerreiro, nosso saudoso e ilustre conterrâneo e antigo presidente da Câmara Municipal de Loulé, cargo que exerceu com inextinguível zelo e distinção e irmã do

sr. Dr. Marreiros Neto, radicado em Portimão.

Este falecimento confere à Santa Casa da Misericórdia metade do prédio onde vivia a extinta, deixado em testamento por seu marido, o qual durante a sua vida tanto pugnou pela Assistência em Loulé.

Foi durante a sua Presidência da Câmara que se adquiriu e projectou

o Parque Municipal, se construiu a rede de esgotos de Loulé, se realizaram vários actos festivos entre os quais a Feira Popular de Loulé e o primeiro Cortejo de Oferendas, que rendeu àquela instituição os fundos necessários para a sua remodelação e funcionamento.

À família enlutada endereçamos sentidas condolências.

Dinheiro faz Dinheiro



14% ao ano é a mais alta taxa de juro até hoje praticada no nosso País.
E não paga impostos.
Quer sobre os juros, quer sobre o capital investido.
Compre Títulos de Fomento de Investimento Público, Classe A.
Faça crescer o seu dinheiro e contribua para o desenvolvimento económico do País.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO - FIP/77

classe A

- valor nominal 1.000\$00.
- títulos de 1 e 10 obrigações.
- juro de 14% ao ano, pago ao semestre. Em 15 de Junho e 15 de Dezembro de cada ano.
- isenção total de impostos.
- reembolso por sorteio, em cinco anos, a partir de 1980. Pagável em 15 de Junho de cada ano.



PRECISA-SE DE CASAL

Para tomar conta de uma horta, no sítio do Consequinte. Oferecem-se boas condições.

Para mais informações contactar com António Gomes — Vale Judeu — LOULÉ.

investir dá força ao seu dinheiro

Consulte as Instituições de Crédito

QUOTIDIANOS

a crónica de JOSÉ MANUEL MENDES

«FUTEBOLADAS NO SALÃO»

Estamos de entrada na época do futebol de salão. O chute nocturno no cimento do rinque do Parque. A «entretenha» da malta que não tem carro para ir até Quarteira ou Albufeira engatar os borrachos estrangeiros, nem paciência para se pôr à boleia ali no Largo de S. Francisco, quase no meio da estrada, o braço estendido, o polegar erecto de esperança, os olhos quase suplicando a obrigação de parar.

Quem passa é conhecido e acciona os travões na generosidade da oferta de transporte, é logo um gajo porreiro, já bateu muita sola a pé e sabe o que isso custa.

Outros não páram, olham com o desdém no soslaio, e são logo uns tipos beras, receosos do assalto e da malandrice nocturna, desconhecidos que passam ali por acaso e não ficam a dever nada a ninguém, forretas que pensam duas vezes no carro quase vazio que gasta sete aos cem, e no carro cheio que gastará cem aos mil. Manguito com eles!

É assim que se junta tanta malta no futebol de salão. Aparecem atletas de muitos sítios, de todos os estilos, físicos e temperamentos. Grande parte deles vão ali dar óleo nas canetas que em tempos recuados já aguentaram as suas caneladazitas e as suas cabeçadas.

Hoje ostentam pesada e garbosamente as suas panças robustas e esféricas de cerveja e petisco.

Também aparecem alguns «putos» com muito jeitinho na biqueira dos pés, dão uns toques na pelota e vão disputando os elogios ou as depreciações de toda a multidão de técnicos, todos muito conceituados, que constituem a assistência.

Ah, mas o bom, o bom, são as equipas de Faro. Ali sim! Respira-se futebol. Rijo. Para homens de perna rija. É contra eles que os louletanos se esfarrapam a sério. Há que não deixar levar o troféu para fora da terra. É para isso que lá estão os furiosos «tiffos» habituais. Sempre os mesmos. Entre duas goladas de cerveja lançam o erro da gritaria rouca e infernal. «Matem o árbitro!» «Vai tomar banho!» «Eh pá, vai ao ferreirão endireitar as patas!» «Parte-lhe uma perna!» Divertem-se. Dançam de alegria. Como saltam de raiva. E espumam de fúria. O leader Zé Rita.

Ao microfone, a voz calma, um pontapé na gramática de vez em quando como é de boa ética, o locutor, o tal da «inauguração da iluminação da luz». A voz que se impõe. O futebol de salão que desponta. Como uma flor todos os anos renascendo com o acabar da primavera. Um botão de bola. Pequena e dura. Com pólen de cautchu.

QUEM AJUDA UMA PARALÍTICA NA AQUISIÇÃO DE UMA CADEIRA DE RODAS?

Não pode este jornal silenciar o infortúnio alheio, muito em especial quando se lhe põe uma questão de consciência.

Tal o caso de Virgínia da Conceição Mendes, de 56 anos, residente nesta vila, que se encontra paralítica da cintura para baixo, já desenganada pelos médicos, e que durante 43 anos seguidos não se separa das muletas.

Pessoa de poucos recursos, que vive modestamente com a sua mãe de 88 anos de idade, às expensas do trabalho atesanal de palma e de uma exígua reforma de invalidez, não consegue angariar economias que a possibilitem a adquirir uma cadeira de rodas, tanto mais carecida quanto as forças lhe vão diminuindo com o decorrer do tempo.

Decidiu ela recorrer a este jornal no sentido de lhe promover uma subscrição pública destinada a esse fim.

Ante este caso que nos merece muita comisseração e sabedores da generosidade das gentes louletanas, não regateamos nem nos esquivamos a encantar uma campanha de angariação de fundos que terá por objectivo a aquisição de uma cadeira de rodas cujo valor orça os 9.000 escudos.

Neste sentido, este jornal, formula um apelo ao espírito de solidariedade humana, para os dotes

de bem-fazer, para a benevolência dos louletanos que, por certo, uma vez mais não deixarão de corresponder com o seu quinhão, com a sua dádiva, num gesto cativante que testemunhará a sua tocante grandeza de coração e nobreza de sentimentos cívicos e humanos.

Vamos, portanto, contribuir todos, consoante as respectivas posses, para que este anseio da desditosa conterrânea, Virgínia Mendes, se converta, no mínimo espaço de tempo possível, numa realidade concreta.

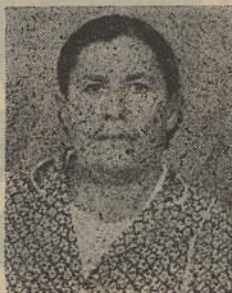
Este jornal dispõe-se a recolher todas as contribuições feitas nesse sentido e a publicar o nome dos doadores nas suas páginas.

Animados da melhor boa vontade contamos, com a colaboração de todos, ofertar à Virgínia Mendes a cadeira de rodas de que tanto carece.

SUBSCRIÇÃO
«A Voz de Loulé» 200\$00

CARIMBOS

Faça as suas encomendas à Gráfica Louletana — Rua Marechal Gomes da Costa — Telefone 62536 — LOULÉ.



Assembleia Municipal de Loulé é também alvo das interpelações do PPD/PSD

Dos representantes do PS na Assembleia Municipal desta sede de Concelho, recebemos uma circular encimada pelo título acima referido.

Transcrevemos a seguir o seu conteúdo.

Correspondendo à nova moda do seu Partido, também os elementos do PPD na Assembleia Municipal de Loulé, decidiram interpelar a mesma requerendo ao Presidente uma reunião extraordinária com os seguintes pontos na ordem dos trabalhos:

1.º — Discussão e votação do Regimento.

2.º — Reconsiderar sobre a decisão tomada quanto às contas municipais de 1976.

3.º — Assuntos de interesse municipal.

Convocada a Assembleia, reuniu no dia 27/5 e discute-se da oportunidade e validade da ordem de trabalhos, tendo o PS adoptado as seguintes posições:

— Quanto ao ponto primeiro, o Partido Socialista não esteve de acordo que se discutisse o Regimento pois não tinha sido feita a distribuição prévia do projecto a aprovar, não podendo, portanto, os membros da Assembleia participar no seu debate. No entanto o PS estranha a súbita pressa manifestada agora pelos elementos do PPD e da FEPU em discutir o Regimento, porquanto o elemento do PPD nomeado para a respectiva Comissão não compareceu aos trabalhos nem uma só vez, provocando com a sua falta o adiamento sucessivo dos trabalhos. O elemento da FEPU foi à primeira reunião e nunca mais compareceu.

— Quanto ao ponto segundo, opôs-se o PS a que se voltasse a discutir um assunto que já tinha tido uma deliberação da Assembleia com uma decisão que mereceu o acordo do PPD para cuja discussão não foram trazidos novos elementos. A rediscussão dum assunto já deliberado seria um precedente desprestigiante para a Assembleia que permitiria chicanas processuais e uma desconfiança por parte da população nas suas deliberações.

— Quanto ao terceiro ponto parece não terem sido os assuntos de interesse municipal que levaram o PPD a pedir a reunião extraordinária. Com efeito, antes que a discussão deste ponto tivesse tido lugar, os elementos do PPD, amuados por não lhes ter sido feita a vontade, abandonaram a sala, alegando boicote e abuso de superioridade numérica. Algo parecido com a «Dituda das Maiorias». O elemento da FEPU entusiasmado com a falta de sentido democrático dos elementos do PPD e considerando que a sua atitude estaria de acordo com as suas convicções políticas, seguiu-lhes o caminho.

Omitindo e distorcendo os factos apontados, o PPD fez um comunicado armando em vítima, em que não indicou as contradições existentes no seu próprio grupo de representantes, com elementos reprovando a forma de actuação do grupo, e em que pretendem ativar para cima do Governo a responsabilidade por não existir uma Lei do Poder Local quando essa Lei é da responsabilidade da Assembleia da República, onde o Governo não pode fazer mais do que apresentar uma proposta de lei, como na realidade o fez.

Se o PPD se quer constituir como alternativa democrática ao PS, e as

sim contribuir para a consolidação da democracia, tem que ter três pontos em atenção:

1.º — A necessidade de que a maioria da população o olhe com seriedade. Atitudes como estas não o ajudam;

2.º — A urgência de compreender, respeitar e praticar a democracia. Atitudes que desprestigiem órgãos democráticos e as suas decisões, não vão nesse sentido;

3.º — A capacidade de esperar por novas eleições, após ter sido derrotado num acto eleitoral. O frenesim não o torna respeitável.

Pelo Socialismo.

Pela Democracia.

Os representantes do PS na Assembleia Municipal.

COMUNICADO CONJUNTO DO CDS/PSD

Com base numa reunião conjunta realizada no Porto, a 17 passado, o CDS e PSD distribuíram um comunicado que dá conta da atitude concertada assumida pelos referidos partidos, sequência ao apelo de colaboração e entendimento lançado em 25 de Abril pelo Presidente da República.

Nas suas linhas gerais o comunicado ocupa-se dos seguintes pontos:

— Recusa do Partido Socialista em estabelecer plataformas programáticas de apoio à política de salvação nacional.

— Os apelos lançados à consciência democrática pelo Presidente da República ainda não conduziram a uma solução maioritária, não por impedimentos levantados pelo CDS ou PSD mas exclusivamente ao PS que demonstra um apego exclusivo ao exercício solitário pelo poder.

— O CDS e o PSD concordam na existência de uma alternativa democrática ao actual Governo, que consiste na formação de um Governo tendo por base o apoio parlamentar maioritário, embora não revestido da natureza de coligação partidária.

— Nesta conformidade o PSD e o CDS apresentaram na Assembleia da República uma proposta de organização dos próximos trabalhos parlamentares, a qual visava a análise e a votação dos diplomas essenciais à clarificação da vida económica e social do País. O PS optou por uma forma vaga e dilatatória de programação.

— Entretanto, PSD e CDS reafirmam a determinação de envidarem os seus empenhos para a consecução de tais objectivos, pelo que declinam qualquer responsabilidade nos protelamentos que venham a observar-se.

— As delegações do CDS e PSD examinaram também o agravamento notório da crise económica nacional e a crescente incapacidade do actual Governo para a enfrentar. Neste contexto, o projecto de Plano Económico Social para 1977/80 apresentado à Assembleia da República não é, como se impunha, uma revisão crítica da política económica do Governo, mas a insistência nos erros de concepção e de estratégia que tem impedido o arranque decisivo para a reconstrução económica. Nestes termos, na sua versão actual o aludido projecto não pode contar com a aprovação do PSD e CDS.

— CDS e PSD congratulam-se com o êxito do processo de democratização desenvolvido em Espanha que culminou com a realização das primeiras eleições livres ali efectuadas após quatro décadas. Formulam, portanto, votos para que a democracia se consolide na Península Ibérica.

— Os dois partidos prosseguirão os seus contactos recíprocos e desenvolvendo a cooperação a nível parlamentar já encetada e garantindo a intensificação de consultas que a situação exige.

PRODUTORES DE BATATA REJEITAM O PREÇO DE 6\$80/KILO

Em resultado de um plenário de produtores de batata, realizado nas Faias, no concelho de Montijo, foi rejeitado por unanimidade o preço de 6\$80 o quilo ao produtor fixado pelo portaria n.º 310/77 do secretário de Estado do Comércio Interno, recentemente publicada no «Diário da República».

Os produtores ao sul do Tejo, depois de tomarem esta atitude deliberaram parar com o arranque da batata até nova apreciação do resultado dos contactos a realizar com os representantes do Governo.

Durante o plenário salientou-se a incoerência de se permitir mercado livre para quase todos os produtos agrícolas e reservar para a batata tratamento discriminatório.

Por seu turno, o Ministro do Comércio e Turismo, explicou a razão que o levou a fixar o preço da batata em 8\$50. A determinado passo de um comunicado asseverou:

«Na fixação deste preço máximo de venda ao público e desta margem de comercialização foi tida em conta uma equilibrada ponderação dos interesses de consumidores, comerciantes e produtores. Na verdade os produtores, ainda quando a margem de comercialização praticada for a máxima (1\$70), podem vender o seu produto por 6\$80. Os organismos competentes na dependência do Ministério do Comércio e Turismo, assegurarão um abastecimento normal do mercado e intervenção, fixando um adequado preço de garantia à produção se tal for necessário ao respectivo escoamento».

CARTA ABERTA A UM MENINO INFELIZ E HUMILHADO

Nas páginas centrais do jornal «BARRICADA», de 23 de Junho, foi reproduzido na íntegra e com o devido destaque o artigo supracitado inserido em «A VOZ DE LOULÉ», de 16 de Junho, da autoria do estimado colaborador F. Rebelo.

Registamos com agrado a distinção que mereceu a transcrição e, simultaneamente, as referências encomiosas que envolveram aquele nosso colaborador e este semanário.

Agradecemos, pois, as palavras de apreço que para nós representam um incentivo para prosseguir na espinhosa missão ao âmbito da imprensa não-diária e regionalista.